

PEDRO ARRUPE: UM NOVO HUMANISMO CRISTÃO

O primeiro aspeto de um Humanismo cristão atual diz respeito à importância crescente dada ao estudo e à investigação interdisciplinares, como meios de encontrar soluções, pelo menos parciais, aos problemas que tão gravemente afligem os povos da Terra. A enorme complexidade da maior parte dos problemas humanos de hoje tem de ser respeitada, parece-me, precisamente aí.

As disciplinas individuais dizem respeito aos aspetos individuais do homem: o biológico, o económico, o político e assim por diante. Porém, as decisões que o homem é chamado a tomar no mundo de hoje exigem a capacidade de colher informações a partir de muitas fontes, a capacidade de pesar e contrapesar influências em conflito e a capacidade de sintetizar num único mosaico os diversos elementos que só por si seriam ininteligíveis.

As disciplinas compartimentadas entre si não correspondem a compartimentos que existam no próprio homem. As fronteiras entre disciplinas só existem precisamente para permitir que o estudante possa penetrar mais profundamente dentro do mistério do homem. Daí que esta compartimentação tenha que ser ultrapassada.

O segundo aspeto é, no meu entender, a capacidade de ter uma visão pluralista no concreto da existência. Os jesuítas, nossos antepassados, aceitaram com gosto o interesse dos seus contemporâneos pelo mundo grego e romano, como era transmitido pela literatura clássica. Ajudaram gerações inteiras a descobrir o homem através dos discursos de Sófocles, de Tucídides e de Tito Lívio. Não será hoje a nossa tarefa um pouco semelhante? Não teremos de introduzir nos currículos escolares muito mais daquilo que diz respeito à imensa diversificação das culturas humanas contemporâneas? Tenho a impressão de que os jovens de hoje, à medida que atravessam as fronteiras dos vários países ou descobrem os países que seus pais só conheceram através das páginas dos livros de geografia, se estão a tornar cada vez mais 'centrípetos'.

Pode acontecer que tenhamos tal consciência do visceral materialismo que nos rodeia que percamos de vista que hoje, pela primeira vez na história, os homens são levados a pensar e a sentir esta terra como uma aldeia planetária e a sentirem-se eles próprios como irmãos que têm de viver e morrer juntos. O homem de hoje, enraizado na sua cidade ou aldeia, só se pode considerar formado e educado quando for capaz de estender a mão, o coração e o pensamento para além do seu próprio horizonte geográfico.

O terceiro aspeto do Humanismo Cristão exigido pelos nossos tempos: a alegria nas coisas do espírito, o gosto pela contemplação. Não nos deixemos enganar pela maneira como os jovens vestem, pelos seus estilos de música ou pelas atitudes de desinteresse que tomam com relação ao passado. Não sejam precipitados em julgar os jovens de hoje, extrovertidos, muitas vezes revoltados com relação a si mesmos ou com dificuldade em manifestarem o mais íntimo de si mesmos. Os nossos alunos e nós próprios desejamos seriamente estudar o homem no pluralismo da sua situação concreta e comprometermo-nos na árdua tarefa da investigação interdisciplinar. Mas isto só nos será possível se mergulharmos no mais profundo dos nossos corações, se formos contemplativos na nossa visão do mundo. Aquilo de que o mundo precisa é de homens e mulheres de espírito, sensíveis ao fascínio do universo exterior, mas em consonância com a sua abertura interior ao Espírito de Cristo.

Tornar-se contemplativo exige a renovação interior, a conversão dos sentimentos e do coração. Alcançar esta total liberdade interior, ser contemplativo mesmo no meio das nossas atividades significa, como é evidente, que descubramos primeiramente o Homem independentemente da sua classe ou situação.

Sei que partilham comigo a convicção da necessidade imprescindível da reflexão e da contemplação no que respeita à educação integral da pessoa humana.

Pedro Arrupe, sj, *Discurso à Federação dos Colégios e Universidades*, 11 nov. 1972 (adaptado)